



Curso Técnico Experimental em Agroecologia no Instituto Federal de São Paulo: uma experiência na educação em agroecologia
Experimental Technical Course in Agroecology at the Federal Institute of São Paulo: an experience in agroecology education

FILIPAK, Alexandra¹; TIBÉRIO, Fernanda Cristina dos Santos²; ALENCAR, Luciano Delmondes³; IYUKUSA, Sheyla Saori⁴

¹ Instituto Federal de São Paulo, alexandra.filipak@ifsp.edu.br; ² Instituto Federal de São Paulo, fernanda.tiberio@ifsp.edu.br; ³ Ministério do Desenvolvimento Agrário, luciano.alencar@mda.gov.br;

⁴ SOF - Sempre Viva Organização Feminista sheyla@sof.org.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O Curso Técnico em Agroecologia do IFSP foi o primeiro curso de Agroecologia da instituição. Caracterizou-se como um curso de formação técnica, subsequente ao ensino médio para a formação específica de agricultores/as da agricultura familiar, reforma agrária, quilombola e indígena do Estado de São Paulo e, em especial, do Vale do Ribeira. Focou no público jovem e nas mulheres agricultoras pela necessidade mapeada em atividades e pesquisas já desenvolvidas. Teve sua metodologia baseada na Pedagogia da Alternância e organizou as 1400 horas de formação em cinco etapas de Tempo Escola e Tempo Comunidade. Teve três eixos de formação: feminismo e estudos de gênero; conhecimento agroecológico; e construção social de mercados. Atendeu 30 estudantes sendo desses, 22 mulheres e 8 homens; 20 negros e 4 indígenas. Formou, em maio de 2023, 18 Técnicos/as em Agroecologia com foco na atuação desses sujeitos no mundo do trabalho rural promovendo a sua autonomia e o enfrentamento das desigualdades de classe, gênero e raça, ambientais, e econômicas em seus territórios.

Palavras-chave: curso técnico em agroecologia; educação do campo; pedagogia da alternância; agroecologia feminista; Instituto Federal de São Paulo.

Contexto

O Curso Técnico Experimental em Agroecologia é a primeira experiência de educação formal do IFSP para o público de agricultores/as, com princípios da Educação do Campo e baseado na Pedagogia da Alternância com objetivo de formar agentes técnicos/as em agroecologia que, em sua atuação, poderão disseminar a construção agroecológica feminista e antirracista nos seus territórios de atuação. Com 1400 horas de formação, o curso se caracterizou como subsequente, ou seja, agricultores/as que já tinham concluído o ensino médio puderam elevar sua escolaridade para a formação técnica.

O referido curso foi uma construção que atendeu a uma demanda social apresentada ao IFSP - Instituto Federal de São Paulo por meio da SOF - Sempre Viva Organização Feminista. Essa demanda veio das mulheres agricultoras, assentadas, quilombolas e indígenas da região Vale do Ribeira do Estado de São Paulo que apresentaram a necessidade de sua elevação de escolaridade e dar continuidade ao processo de formação de jovens. Essas mulheres, especialmente



as jovens, buscavam formas de permanecer no campo e não ceder à possibilidade de migrar para os centros urbanos em busca de trabalho. Viram na escolarização em nível técnico, uma esperança nesse sentido.

A SOF executou, em 2015, a política pública de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para mulheres de base agroecológica como também realizou acompanhamento, formação e pesquisa-ação com os grupos de mulheres, articulando práticas agroecológicas, autonomia pessoal e coletiva, e construção de mercados solidários (SOF, 2020; HILLENKAMP e NOBRE, 2018).

Concomitante a esses trabalhos, o IFSP e a SOF realizaram diversas parcerias para a formação em gênero para agentes da ATER Agroecologia em conjunto como campus de Matão, como também, realizou atividades de formação com o Programa Mulheres do IFSP e a construção de proposta de curso de qualificação profissional com o campus Registro. Dessa forma IFSP e SOF se aproximaram e a SOF elaborou o projeto “Fortalecimento das mulheres rurais, seus agroecossistemas e redes para construir alternativas à pobreza e à vulnerabilidade no Brasil”, construindo assim uma proposta conjunta em resposta ao convite do Fundo Newton do Conselho Britânico para ampliar o alcance dos resultados de projetos anteriormente apoiados e para responder às demandas por escolarização já apontadas pelas mulheres rurais. O projeto possibilitou a construção do Curso Técnico Experimental em Agroecologia e financiou parte de sua execução.

A partir desse contexto, agentes da SOF, docentes e técnicas pedagógicas do IFSP formaram um coletivo de trabalho que, durante todo o ano de 2020, reuniram-se semanalmente e virtualmente (em função da Pandemia de Covid-19) e construíram o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso Técnico em Agroecologia. Em 2021, mesmo ainda passando pelas restrições da pandemia, foi realizada uma audiência pública virtual com a participação de movimentos sociais, redes de agroecologia, instituições e representantes de comunidades rurais do Estado de São Paulo com intuito de trazer para a elaboração da proposta do curso a característica participativa com os sujeitos sociais interessados no processo.

O curso foi ofertado pelo IFSP entre novembro de 2021 e maio de 2023. Os Técnicos/as em Agroecologia concluintes tiveram sua formação no mundo do trabalho rural promovendo a sua autonomia e o enfrentamento das desigualdades de classe, gênero e raça, ambientais, e econômicas em seus territórios.

Descrição da Experiência

O processo seletivo, divulgado através de edital público, disponibilizou 30 vagas destinadas especificamente ao público da agricultura familiar e tradicional (quilombola, indígena e caiçara), da reforma agrária, da agricultura urbana e comunitária. Teve medidas de ação afirmativa para assegurar o ingresso equitativo de mulheres e pontuação maior para pessoas pretas, pardas e indígenas. Assim, com mais de 70 inscrições, o grupo foi composto por 22 mulheres e 8 homens; 20



negros e 4 indígenas, caracterizando a prioridade para o público que sofre as maiores desigualdades na sociedade.

Acompanhou todo o curso uma estrutura necessária à permanência dos estudantes nos períodos de tempo escola visto que seus territórios são distantes da escola e as aulas aconteciam em tempo integral. Foi organizado alojamento, alimentação e ciranda infantil durante cada tempo escola, com duração de 15 dias cada. Os recursos financeiros para garantia da permanência dos alunos vieram do Conselho Britânico via projeto apresentado pela SOF, da própria SOF e do IFSP.

A ciranda infantil foi organizada em todas as etapas para que as mulheres que tinham filhos pudessem ter a sua participação nas aulas garantida. Ela aconteceu como um espaço pedagógico alinhado com a temática da agroecologia e da educação do campo, durante os horários de aulas, para os filhos/as que acompanhavam suas mães no tempo escola.

Em termos metodológicos, o curso foi organizado a partir dos princípios da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, de modo a alcançar as necessidades específicas das populações rurais e seus territórios. Foram estruturadas cinco etapas divididas em cinco períodos de Tempo Escola (encontros presenciais) e cinco períodos de Tempo Comunidade (momentos de atividades nas Comunidades de origem dos estudantes). A Pedagogia da Alternância dialoga com a proposta desse curso uma vez que possibilita garantir a produção dos conhecimentos com base material na vida, no trabalho e nas necessidades das/dos trabalhadoras/es do campo.

A metodologia do curso foi denominada Trilhas Pedagógicas, às quais foram trilhadas pelos diferentes sujeitos do processo como docentes, agricultores/as estudantes, técnicos/as pedagógicos/as, educadores de apoio nas atividades diárias como alimentação e ciranda infantil. As trilhas pedagógicas compreenderam uma perspectiva interdisciplinar dos conhecimentos em diálogo com a realidade das comunidades rurais das quais fazem parte os estudantes. Os atores envolvidos no curso construíram conjuntamente uma proposta de Ecologia de Saberes comprometida com as transformações necessárias na vida do campo e tendo em vista as críticas sociais, culturais e ambientais sobre o padrão hegemônico e capitalista do desenvolvimento rural atual (SANTOS, 2007; IFSP, 2021). As trilhas pedagógicas se traduziram na organização didático-pedagógica do curso que entende assim que a Agroecologia se constrói a partir da interação entre ciência, movimento e prática.

A metodologia proposta, portanto, busca construir um curso que promova a formação técnica integral de jovens e adultos agricultores da Agricultura Familiar, Tradicional e Reforma Agrária através da construção de um espaço questionador da realidade para a formação de um/uma profissional que atue buscando a consolidação da agroecologia e da sustentabilidade e da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, através de trilhas pedagógicas dialógicas com os diferentes sujeitos envolvidos nesse fazer agroecológico (IFSP, 2021, p. 36)



Cada etapa foi composta por componentes curriculares específicos e um projeto integrador - as Trilhas Agroecológicas. Os componentes curriculares foram construídos a partir de três eixos formativos que transversalmente dialogam entre si e com os saberes e experiências já adquiridos pelos estudantes e suas organizações: Eixo Formativo 1- Feminismo e Estudos de Gênero; Eixo Formativo 2- Conhecimento Agroecológico; Eixo Formativo 3- Construção Social de Mercado. Os eixos formadores expressam os conhecimentos em agroecologia demandados pelas organizações e movimentos sociais do campo e em pauta no movimento agroecológico e nas redes de agroecologia com as quais o curso dialogou.

A ideia que se expressa no eixo formativo 1, parte do já conhecido princípio de que as mulheres são protagonistas na realização da agroecologia nos diferentes territórios rurais brasileiros (SILIPRANDI, 2009; ANA, 2020; SOF, 2020; FILIPAK, 2021; HILLEKAMP e NOBRE, 2018). E entende as desigualdades de gênero no campo como estruturais, que precisam ser enfrentadas, desconstruídas e denunciadas para que de fato a agroecologia se faça. O lema “Sem Feminismo não é Agroecologia” está presente nesse entendimento de construção da agroecologia, uma vez que o feminismo abre a possibilidade de luta e reivindicação das mulheres por uma agroecologia realmente igualitária. Dessa forma, esse eixo de discussão de gênero e do feminismo atravessa o curso de forma transversal e garante componentes curriculares específicos na temática.

O eixo formativo 2 traz o conhecimento agroecológico já produzido e necessário à formação técnica do estudante. Perpassa desde a formação relacionada à produção agroecológica, seus instrumentos e tecnologias até os fundamentos e princípios da agroecologia.

Já o eixo formativo 3 fecha um ciclo de elementos estruturantes da agroecologia. Perpassa a agroecologia feita pelas mulheres enquanto desenvolvimento da sua autonomia, a agroecologia enquanto emancipação de famílias da agricultura familiar, tradicional e reforma agrária. Refere-se aos mercados sociais, ou seja traz a ideia de uma construção de mercados alternativos, solidários e socialmente referenciados que visa enfrentar as desigualdades econômicas no campo e incluir mulheres, jovens, famílias em atividades de comercialização mais justa, construtora de uma economia alternativa à capitalista que nem sempre favorece esse público.

As trilhas pedagógicas também passaram pela metodologia Histórias de Vida e Temas Geradores (FREIRE, 2019) que acompanharam a caminhada dos estudantes durante todo o curso. A metodologia Histórias de Vida foi sediada no componente curricular Trilhas Agroecológicas que foi um componente transversal, interdisciplinar e agregador de todos os outros componentes curriculares, inclusive sendo a disciplina responsável por organizar, articular e comunicar os trabalhos de Tempo Comunidade de todo o curso.

Na primeira etapa de tempo escola os estudantes escreveram e contaram suas



histórias de vida de forma democrática, valorizando as trajetórias individuais e as transformando em base para o trabalho com os conhecimentos durante o curso. Das histórias de vida foram escolhidos coletivamente temas que se tornaram coletivos nas histórias individuais. Eles se tornaram Temas Geradores e que acompanharam os planejamentos dos professores para, em seus trabalhos em sala de aula, partirem deles para chegar ao conhecimento específico. Uma proposta freireana de trabalho pedagógico presente no Curso Técnico em Agroecologia.

Resultados

O IFSP formou, em maio de 2023, 18 Técnicos/as em Agroecologia com 1400 horas de formação, de novembro de 2021 a maio de 2023. Os estudantes participaram de atividades teóricas e práticas nos espaços de tempo escola (Figura 1) e puderam desenvolver atividades práticas nos seus espaços familiares e comunitários, durante o tempo comunidade.



Figura 1: Abertura da terceira etapa de tempo escola, agosto de 2022. Arquivo do Curso.

Ao longo da execução do curso foram encontradas várias dificuldades que precisam ser avaliadas para projetos futuros. Apesar dos esforços em garantir a permanência dos estudantes, observamos a desistência de 12 estudantes durante o curso. Essa evasão está possivelmente relacionada a múltiplos fatores. O curso havia sido planejado para acontecer presencialmente, no entanto, devido à pandemia de COVID-19, foi necessário que ele se iniciasse ainda no período de atividades remotas. Durante o período *online*, a precariedade de acesso e uso da internet e equipamentos de informática dificultaram o processo de ensino e aprendizagem. Da mesma forma, o retorno às atividades totalmente presenciais foi um empecilho à continuidade do curso por parte de alguns estudantes.



A perspectiva feminista-pedagógica de se garantir a ciranda infantil encontrou barreiras nas estruturas institucionais do IFSP e de outros espaços utilizados por mães e suas crianças, como por exemplo para estadia. As estruturas institucionais são rígidas e patriarcais e as mulheres com crianças acabam sendo excluídas do processo. Podemos dizer que a ciranda infantil no Curso Técnico em Agroecologia foi resistência feminista, questionou e moveu estruturas de desigualdade de gênero na educação formal, forçando a adequação de estratégias para incluir mães e crianças nos espaços e estruturas formais de educação.

Durante o tempo escola, docentes e discentes tiveram a oportunidade de desenvolver as atividades do curso em um espaço de troca de saberes. Nessas trocas, a diversidade do grupo de alunos - quilombolas, indígenas, sítiantes, assentados, etc. - e também as condições estruturais dos locais de aula provocaram nos docentes a necessidade de ajustes. Dessa forma, a prática docente necessitou muitas vezes de adequações das linguagens e metodologias planejadas.

Os processos de avaliação da aprendizagem na metodologia da alternância também foram desafiadores. A apresentação dos resultados das atividades propostas executadas no tempo comunidade foram feitas em parte *online* (atividades específicas de cada componente curricular) e em parte nas Trilhas Agroecológicas, no momento de retorno às atividades de tempo escola (atividades interdisciplinares de aplicação dos conhecimentos no campo). Mais uma vez, as dificuldades da comunicação remota foram enfrentadas por estudantes e professores. Observamos ainda que professores proponentes das atividades interdisciplinares nem sempre puderam acompanhar os resultados das atividades nas Trilhas Agroecológicas, uma vez que não poderiam estar presentes durante as apresentações. Apesar dessa dificuldade de acompanhamento de parte dos docentes, a metodologia das Trilhas Agroecológicas foi importante para a construção de uma aprendizagem aplicada às realidades do campo e significativa para a vida dos estudantes.

A abordagem de um curso técnico de agroecologia na pedagogia da alternância e como projeto multicampi no IFSP trouxe desafios estruturais e organizacionais a serem superados por docentes, técnicos e gestores. No entanto, a realização do curso também gerou benefícios. O maior deles se refere, sem dúvida, à possibilidade de formação técnica crítica e diversa dos egressos. Além disso, pudemos desenvolver uma educação interdisciplinar, com docentes e técnicos de seis campi do IFSP, além de instituições parceiras, como a SOF.

Referências bibliográficas

ANA; CTA-ZM; UFV; MDA. **Cadernetas Agroecológicas e os Quintais produtivos**: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil, 2020.



FILIPAK, A. **Políticas públicas para mulheres rurais no Brasil (2003-2015):** análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos. São Paulo: EDIFSP, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 84^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HILLENKAMP, I.; NOBRE, M. Agroecologia e feminismo no Vale do Ribeira: contribuição para o debate sobre reprodução social. **Temáticas: Revista dos pós-graduandos em ciências sociais**, Campinas: IFCH v. 52, n. 26, p. 167-194, jan. 2018.

IFSP - Instituto Federal de São Paulo. **Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico Subsequente em Agroecologia Experimental.** São Paulo: IFSP, 2021.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos.** São Paulo: CEBRAP, nº 79. nov. 2007.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOF Sempre Viva Organização Feminista. **Práticas feministas de transformação da economia:** autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira. São Paulo: SOF, 2018. Disponível em:

<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Praticasfeministas-portugu%C3%AAs-web1.pdf> . Acesso em 8 de dezembro de 2020.